

# Uma declaração universal

*Direitos Humanos*

Os seres humanos despertavam do seu pior pesadelo em mais de 100 mil anos. Parte da Europa ainda estava coberta pela fumaça. Havia cidades destruídas, países estilhaçados. Nos cemitérios, nas valas comuns, no leito dos rios, nos campos minados e nos desvãos dos escombros, mais de 50 milhões de cadáveres marcavam para sempre toda a ferocidade da 2ª Guerra Mundial. O mundo se debruçava sobre os abismos insondáveis da Alemanha nazista. Ao lado de Beethoven, o holocausto. Junto a Thomas Mann, os fornos crematórios. Os sons de Bach e Brahms, a poesia de Goethe — e os campos de extermínio. Num inevitável jogo de espelhos, os homens viram finalmente nos alemães as suas próprias fragilidades, convencidos então de que precisavam encontrar uma forma de se protegerem de si mesmos.

Às margens do Rio Hudson, no East Side de Manhattan, os vitoriosos e os sobreviventes sentaram-se, discutiram e redigiram um documento em que se misturavam o sonho, a insegurança, o medo, a ingenuidade, a coragem e a vontade política. No dia 10 de dezembro, 50 anos atrás, sob a neve que cobria Nova York, aprovaram o texto da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que abria um processo de globalização de princípios e valores, interrompido, logo em seguida, pelos 40 anos de guerra fria.



**Os valores universais da democracia nunca foram tão difundidos como atualmente**

Durante décadas, a *Declaração* ficou nas gavetas do maquiagem, nos porões do comunismo, nos armários das ditaduras militares e nos sótãos dos regimes autoritários. Nos anos 60 e nos anos 70, conviveu com tratamentos cruéis e formas desumanas e degradantes de punição, viu inúmeros “desaparecimentos”, feriu-se em mais de 150 guerras localizadas. Ainda nos anos 80, era objeto do

ódio das forças cegas da repressão, que começavam a bater em retirada pela porta dos fundos da História.

O exemplar da *Declaração*

*Universal* que tenho agora diante dos olhos, em cima da mesa de trabalho, está chamuscado pelo fogo, na parte superior. Havíamos inaugurado a nova sede da seção brasileira da Anistia Internacional, em São Paulo, no dia 5 de maio de 1984. No dia 6, domingo, o escritório foi invadido e incendiado, de madrugada. Alguns membros da diretoria fomos até lá, pela manhã, acompanhados pelo secretário de Justiça do governo Franco Montoro, José Carlos Dias. A investigação policial se deu num clima tenso. Num canto da sala agredida, uma fita cassete parecia conter um terrível segredo — talvez uma mensagem ameaçadora dos terroristas. Juntamo-nos todos, diretores da Anistia e policiais, para ouvi-la num gravador empresta-

do. Durante algum tempo, os acordes da *Primavera*, parte da obra *As Quatro Estações*, de Vivaldi, acariciaram nossos ouvidos. De repente, Patrice Worms, secretário-executivo da seção brasileira, interrompeu a audição: “Esta fita é minha. Eu adoro Vivaldi.” Do anticlímax ficaram os sorrisos. Dos restos fumegantes do nosso arquivo salvei este exemplar mutilado da *Declaração*.

Hoje, foram-se as ditaduras, na maioria dos casos. O socialismo ruuiu como um castelo de cartas. Mas em dezenas de países há pessoas detidas pela defesa pacífica de suas convicções. A tortura e a pena de morte não desapareceram. O regime criminoso de Saddam Hussein, no Iraque, ameaça o mundo com suas aventuras militares. No Irã dos aiatolás, persiste a justiça tosca e sumária de quem considera a democracia e os direitos humanos como “valores ocidentais sem relevância”. E Fidel Castro definha nos corredores do totalitarismo cubano, como o personagem solitário do *Outono do Patriarca* (García Márquez). O cenário mundial ainda parece sombrio.

Apesar disso, nunca os valores universais da democracia foram tão difundidos como atualmente. Na cultura planetária que está surgindo se destacam a questão ecológica, a defesa da paz e do diálogo, a aceitação da diversidade e o respeito aos direitos humanos. Ao comemorar 50 anos, a *Declaração* é cada dia mais universal — e, por isso, temos motivos de sobra para celebrar seu aniversário.

